

FONSÊCA, Danielle. **Caminhadas, afetos e modos de existir na Festa de São Marçal**. Belém: UFPA. Secretaria de Estado do Maranhão, SEDUC.

RESUMO: O texto busca promover um diálogo sobre o corpo festivo presente na Festa de São Marçal ou Encontro dos Bois, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís – MA. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do bairro, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas, (des)mobilizando diversos territórios simbólicos que serão ressaltados nesta caminhada etnocenológica. A discussão que se pretende realizar é pensar como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas e criação nômade. A poética desviante desses corpos que rompem e rasgam o território movente da rua é compreendida também pela lentidão e pausa, gerando estados de afeto que se desdobram em tantos outros. Esses fluxos caminhanes apontam para as possibilidades de existir na e com a festa de São Marçal como acontecimento que atravessa, transita e esbarra na vida como potência.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhada, Festa de São Marçal, Afetos.

ABSTRACT: The text seeks to promote a dialogue about the festive body present at the Feast of St. Martial or Oxen Gathering, as is also known the festivity that happens annually on the 30th day of June, in the neighborhood of João Paulo, in São Luís – MA. The displacement, in spite of having a straight route, characteristic of the festive configuration of the neighborhood, has a great deal of inventive, poetic, dramatic and imageric curves and crossroads, (de)mobilizing various symbolic territories, which will be highlighted in this ethnoscenological walk. The discussion we intend to raise is to reflect on how the walk reinvents ways to create existences, especially regarding the way the bodies experience the city and transpass its dense and tense layers, turning the festive landscape into a place for exchange and nomadic creation. The deviant poetics of these bodies that break and tear the moving territory of the street is understood also by the slowness and pauses, generating states of affection that unfold into so many others. These walking flows point to the possibilities of existing in and within the feast of Saint Martial as an event that transverses, transitions and bumps into life as a power.

KEYWORDS: Walk, Feast of Saint Martial, Affections.

PRIMEIROS ATRAVESSAMENTOS

Este artigo incursiona a respeito do corpo festivo e das possibilidades de existência experimentadas no decorrer da festa de São Marçal, em São Luís, capital maranhense. Falar em existência sinaliza para uma compreensão de presença muito particular, que pode ser entendida como somas, ruídos ou costuras de múltiplos corpos.

Neste caso, destaco algumas características da festa que evidenciam seus aspectos singulares, a saber: a primeira delas se refere a sua formatação espacial realizada em forma de cortejo, tendo a caminhada como prática festiva; a segunda esta relacionada aos estados de estar/ser festa e suas especificidades, apontando a festa como campo inventivo; a terceira destaca o bairro do João Paulo como espaço de festa, luta e resistência dos brincantes de bumba meu boi¹ do sotaque de Matraca².

A escrita vai atravessar as três vias de acesso-entendimento citadas acima. Elas foram escolhidas por apresentar uma configuração festiva indispensável para a compreensão do recorte adotado, não desconsiderando outros modos de existir na festa. A intenção é desenhar uma cartografia da festa, atentando para as somas, que a cada ano, geram novas paisagens, detalhes e contornos moventes. Portanto, novas formas de conhecer e interagir na festa são experimentadas, incluindo o próprio recorte da pesquisa, apontando para um campo privilegiado para análise da sociedade e dos grupos em situação festiva.

¹ Na capital maranhense, a manifestação cultural Bumba meu boi é conhecida por algumas denominações, mas na presente pesquisa utilizarei os termos: Bumba meu boi, Bumba boi, Boi e brincadeira em concordância com as pessoas integrantes do universo pesquisado que utilizam essas expressões para nomear o que fazem.

² O sotaque de matraca – ou da Ilha – é proveniente da região metropolitana de São Luís (São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar). A maioria dos grupos deste sotaque é proveniente dos bairros periféricos e contém forte presença de brincantes afromaranhense. O som lembra características da musicalidade indígena, com marcações lentas. O bailado dos brincantes é mais lento, mas com um ritmo muito marcado. Os brincantes dançam em volta do boi, do amo, dos vaqueiros e da mãe Catirina e pai Francisco. Outros personagens característicos deste sotaque são: cabloco de pena, índia, burrinha, cabloco de fita.

A festa de São Marçal é tudo isso e mais um pouco. De tão ricas possibilidades simbólicas considera-se a festa de São Marçal como um tipo de celebração que, dada a potencialidade expressiva das vivências festivas, parece não caber em uma única data³.

A festa cria a percepção de uma temporalidade – que se localiza também no espaço – ampliada devido à profusão imagética e performática gerada em São Marçal. É nessa polissemia festiva, simbólica e, ao mesmo tempo, bastante singular de comemoração do Encontro de Bois⁴ que os sujeitos escrevem suas narrativas e repertórios vividos na avenida, exprimindo os modos de viver do grupo social envolvido.

É importante destacar que a escrita deste texto foi pensada numa estrutura que possibilitasse ao leitor acompanhar a dinâmica movente e bem singular característica da festa. Assim sendo, aproveito para fazer o convite para ser um caminhante nesse estudo, por isso o modo como o texto foi apresentado indica os modos de configuração espacial, os tempos praticados e as cenas produzidas em São Marçal.

Peço licença para acionar outras possibilidades de grafias que as palavras e as imagens possuem, no sentido de tê-las como espaço de criação que falam muito do estado que a pesquisa, por enquanto, se encontra. É sobre múltiplos atravessamentos, pausas, presenças e caminhos trilhados que o texto aborda.

MEU CAMINHAR NA FESTA DE SÃO MARÇAL

Ano de 2001, mês de junho, dia 30, um sábado, período vespertino. Minha primeira experiência ao participar da festa de São Marçal. No primeiro momento fiquei encantada com a imensidão de gente que ali estava, múltiplos

³ A festa acontece no dia 30 de junho, dia de São Marçal.

⁴ Neste trabalho, as denominações Encontro de Bois e Festa de São Marçal são equivalentes.

corpos dançantes, outros apenas observavam, demais vendiam bebidas. Só para listar algumas formas que coabitavam na festa. Os tipos de circulação eram dos mais diversos, revelando as trocas que a presença do outro produz na rua.

Aos poucos fui entendendo, em partes, o porquê de estar na festa, sobretudo a percepção da festa como uma prática do encontro. Acerca dessa acepção, o intento é pensar no estar junto como estratégia, para além do entendimento do festejar como uma suspensão do cotidiano. Neste estudo, a festa é brecha e desvio que convida para compartilhar formas diferentes – tensas e densas – de viver e conviver com o outro e com o espaço. Corroborando com Michael de Certeau, que diz “nesses estratagemas de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor (CERTEAU, 2000, p. 79).

Toda essa ambiência foi me contaminando de desejos, fazendo com que o interesse pelas vontades festivas ganhasse impulso, ao ponto de reverberar em meu corpo, gerando um estado de afeto interessado no que emerge no aqui e agora. Assim como, na emergência de novos sentidos que a cada ano a festa incorpora.

A partir daí, não consegui mais me manter afastada da celebração e lá se vão mais de 15 anos de acompanhamento, diversão, atravessamentos, imersão, caminhadas e múltiplas formas de existir na festa.

Em minhas vivências na festa de São Marçal, acabei exercendo dois papéis muito próximos e que, hoje posso dizer, são complementares no evento: de matraqueira⁵ e de observadora. A festa de São Marçal permite ao público participar abertamente do desfile dos grupos de Bumba meu boi, e a inserção do público normalmente ocorre na condição de matraqueiros. Como matraqueira, participei de muitas edições da festa, experimentando situações em que pediam minha atenção para respeitar e seguir a cadência das outras matracas, evitando, assim, que eu “desafinasse” no Encontro de Bois.

⁵ A matraca é um instrumento de percussão formado por dois pedaços de madeira, que são batidos entre si, gerando uma sonoridade marcante. Instrumento percussivo bastante presente em alguns grupos de Bumba meu boi.

Imagem 1 – Brincantes “batendo” matraca. Junho de 2014



Fonte: Danielle Fonsêca.

A postura de observadora, ainda sem pretensões acadêmicas, era assumida mais como uma consequência do nível de minha participação na festa. Ocorrendo quase sempre quando os braços, de tão cansados, pediam um descaso, pois já não conseguiam seguir a cadência das outras matracas. Nesse momento de repouso, o meu olhar se lançava a captar o que ocorria ao meu redor, no sentido de observar as interações e os desdobramentos do que estava acontecendo. Um possível entendimento da festa como acontecimento dava seus primeiros passos.

Nesses intervalos, a curiosidade me levava a procurar na tumultuada paisagem festiva de São Marçal situações que apontassem para as sociabilidades praticadas no local. Comportamentos e interações dos mais diferentes tipos como ações próprias de quem participa da festa.

Posteriormente, a minha postura como observadora foi tomando outros direcionamentos ou, melhor dizendo, afastamentos. Esse deslocamento foi assumido como uma necessidade para o início da pesquisa, nos idos de 2013, por conta do mestrado. Essa postura era importante para compreender as questões relacionadas às espetacularidades que ali se apresentavam. Para tempos depois, em 2016, estar mais atenta a outras formas de estar na festa.

Novos modos de existir foram se apresentando, inclusive o meu olhar foi sendo redimensionado ao experimentar estados corporais intensos, resultante de uma imersão mais tecida na presença do outro. Uma alteridade caminhante e desviante. Meu campo de entendimento da festa foi acontecendo também pelo meu corpo. Sendo afetada pela festa de uma maneira muito particular.

O horizonte metodológico desta pesquisa encontra na Etnocenologia a possibilidade de entender a manifestação festiva como um fenômeno que aciona a imersão como prática. Recorro ao termo artista-etnopesquisador (CABRAL, 2016), por entrecruzar três categorias que são atravessadas uma pela outra na pesquisa etnocenológica.

Continuando Cabral discorre que

O artista-etno-pesquisador é um praticante e um vivenciador de diversos movimentos corporais que o compõe ao longo de seu trajeto. Seu percurso de investigação traduz seu rigor científico em sua escrita, lógica e deontológica, que deságua em suas publicações [...]. Assim, trazendo preponderantemente ao corpo e a escrita proposições teórico-metodológicas na intuição artística dos contatos afetuosos em campo, aterrizados na escrita (2016, pág 112).

A atitude descrita é compreendida como um ato ético e estético dentro do campo etnocenológico. Apontando para outras epistemologias possíveis na pesquisa em questão. Ao ver corpos em sentidos variados, percorrendo as encruzilhadas, subindo e descendo a avenida como disparadores de estado de festa, vou sendo atravessada pela imagem de uma pesquisadora caminhante, onde a movência aciona modos de escrituras e tipos de experiências

Retomando o que foi discutido anteriormente, a ideia é construir uma escrita poética para a compreensão de uma experiência etnocenológica, levando-se também em conta a inserção das impressões e afetações sentidas no corpo do pesquisador no campo.

Isto sinaliza para uma postura que vai além do exercício de anotações do que foi observado, chamando o corpo para assumir uma fala, um movimento, descrevendo o que foi sentido e vivido no momento da imersão festiva. A escrita, neste texto, é encarada como processo de muitas idas e

vindas, ao se colocar como exercício de inclusão desse corpo e de todas as suas movimentações possíveis, ou melhor, deslocamentos que foram realizados num tempo, espaço e metodologia específicos.

UMA FESTA, VÁRIAS FORMAS DE CAMINHAR

;

Uma pausa na caminhada. Quem sabe embaixo de uma das mangueiras que fica ao longo da Avenida São Marçal. Apresentar a paisagem festiva convoca um estado mais demorado, de escuta ampliada, como de quem precisa de muita atenção para conversar. Garanto que a pausa é rápida e daqui pouco retomamos a caminhada festiva.

O Encontro dos Bois ou Festa de São Marçal acontece há mais de nove décadas no bairro do João Paulo⁶, bairro tido como periférico de São Luís. Ao conhecer um pouco da história do Encontro dos Bois, constatamos que sua trajetória, ao longo dessas décadas de existência, criou diversos caminhos, paradas, sentidos e trilhas simbólicas. A dinamicidade festiva atesta que, de um modo em geral, as festas são passíveis de modificações, suspensões e permanências; e que até o próprio ato de não celebrar indica os processos de resignificação a que estão sujeitas. Sendo assim, a festa de São Marçal não ficaria de longe desse processo de rupturas e de continuidades.

O histórico da festa é carregado de situações conflitantes, intensas e tensas que são costuras feitas por múltiplas ações de seus sujeitos, que fazem da festa um acontecimento. Como todo evento, a festa de São Marçal possui um ritual complexo e estruturado por fluxos de acontecimentos únicos, fruto de

⁶ Ambas as denominações foram construções realizadas em momentos distintos e que foram incorporadas ao longo de décadas de existência da festa. A primeira nomeação se relaciona à idéia de um encontro com grupos de bumba meu boi no bairro, que depois ficou conhecido como Encontro dos Bois. Com o passar do tempo, o título de festa de São Marçal, que antes não tinha, foi anexado ao Encontro dos Bois por conta de a data coincidir com o dia de São Marçal, dia 30 de junho.

memórias coletivas e individuais que a cada ano são atualizadas com novas memórias que caminham na festa.

Festejar São Marçal na dinâmica social, afetiva, ritualista e religiosa do Bumba meu boi significa respeitar uma dimensão muito delicada e importante dentro do universo da brincadeira. A devoção é um sentimento fortemente presente na estrutura simbólica do Encontro. A manifestação de fé na festa, assim como no próprio grupo, são mapas devocionais nos quais se localizam uma diversidade de práticas religiosas, que envolvem catolicismo popular, encantaria, tambor de mina e outras crenças.

Nesse caso, o Encontro de Bois se manifesta como acontecimento que aciona promessas, evocando pedidos, agradecimentos e atitudes de respeito à figura religiosa de São Marçal. Esses posicionamentos colocam como o sentimento religioso dos brincantes renova a devoção e a afetividade por São Marçal.

No tocante a história de São Marçal, pouco se sabe sobre sua vida. Na cidade de São Luís, sua imagem é frequentemente atrelada ao encontro dos Bois, mas, fora isso, as informações sobre sua possível origem são insuficientes e confusas. Uma das versões menciona que São Marçal

teria sido um dos 72 discípulos de Jesus Cristo, aquele que teria dado o pão para o milagre da multiplicação. Há o registro de um bispo da cidade de Limoges na França no martirológio romano, de nome Marcial. Para o arcebispo auxiliar de São Luís, D. Geraldo Dantas de Andrade, não há registro de canonização para Marçal, sendo um santo originado da fé popular (Junior apud Albernaz, 2002, p.53).

Apesar de não se ter informações mais exatas sobre o santo, já que algumas narrativas apontam para outros históricos, a incerteza parece não incomodar muito os participantes da festa, que o elegeram como o santo padroeiro da celebração.

Outro ponto a ser destacado faz menção ao espaço onde ocorre a festa. O bairro do João Paulo carrega em suas ruas e avenidas, uma relação muito próxima com os brincantes do Bumba meu boi. O João Paulo é entendido e praticado como um território que se confunde com a própria

história dos Bois de Matraca. Isto se deve ao histórico de proibição, restrição, controle e medidas repressivas que a brincadeira sofreu desde a primeira metade do século XIX.

A instituição de limites territoriais e simbólicos foram estabelecidos nas narrativas históricas do Bumba meu boi a partir processo de regulamentação por meio de leis, licenças, portarias e códigos que autorizavam apenas a prática boieira longe do Centro da cidade. Neste caso, o João Paulo “se constituía como o único arraial longe do mundo rural e próximo das zonas urbanas” (BARROS, 2007, p. 145).

Desse modo, compreendo que o bairro incorporava, na época, o sentido de desafiar os limites espaciais e simbólicos ao se apresentar como zona de fronteira. A festa em suas diversas edições atualiza e incorpora a cada ano essas relações pautadas na tensão, no controle e na negociação que fazem do João Paulo “um marco no espaço da cidade para a circulação dos grupos de boi” (ALBERNAZ, 2002, p. 42).

Destaco que participar da festa é a maior demonstração de respeito e compromisso pelo local que acolheu a brincadeira em tempos difíceis para o Boi. No Encontro de Bois, aspectos relacionados às produções artísticas e simbólicas merecem destaque ao evidenciarem os tipos e meios de contatos, visualidades, acolhidas, conflitos, saberes, corpos, jogos, negociações e encontros que compõem o território festivo.

Os corpos presentes nessa caminhada são múltiplos e desviantes, são corpos em festa que percorrem caminhos e resistem a uma infinidade de adversidades. Para esta pesquisa interessa como o calor, chuva, cansaço, fome, sede e embriagues modulam um modo de vida da festa. Festejar, na qualidade de verbo, conclama o corpo a ser resistência, um corpo que produz presença, que (re)existe na transgressão ao romper o cotidiano momentaneamente.

A imagem-frase Estar na festa e Ser festa também pode ser compreendida como festejar. Ser e estar são práticas coexistentes e importantes para trilhar no campo festivo. Trilhar significa tanto o vivenciar a

festa – afetar e ser afetado, como compreender essa coabitação de estados do corpo. Logo, ser e estar ampliam a vivência espacial e temporal como encontro, que potencializam o existir da/e na festa.

A caminhada desenha traços de idas e vindas na festa, gerando fluxos que interessam neste estudo, sobretudo por apontar como os atalhos, encruzilhadas e curvas são compreendidas como estratégias de enfrentamento diante das configurações hegemônicas que buscam controlar o compartilhamento de experiências no espaço público.

Essa situação de vigilância dado pelo aparato biopolítico, produz um discurso que visa a domesticação nos corpos, entretanto a insurgência de modos onde a prática do estar junto seja convocada como resistência é um chamado para a vida como acontecimento. Neste sentido, a festa de São Marçal é compreendida como lugar de ocupação, onde a imersão coletiva instaura um estado de “experiência urbana da alteridade” (JACQUES, 2012, p. 16).

A caminhada é escolhida, neste estudo, como tática, na mesma linha de pensamento de Certeau (2014), que rasga a possibilidade de homogeneização da vida e dos corpos. Ela habita nas dobras, brechas e desvios da rua, propondo novos percursos inventivos e micronarrativas efêmeras. A respeito disso, destaco a potência que reside no acidental, no instantâneo, no agora. A temporalidade festiva como camada marginal que instaura um espaço de elasticidade, onde ocorre as mais variadas formas de estar junto são praticadas.

A caminhada na festa se coloca como um território movente, que precisa ser atravessado, ou melhor festejado, o estado do corpo errante vai acumulando sensações e experiências, incorporando em sua caminhada atenta ao presente, apreensões táteis produzidas no ato de caminhar. A esse respeito Michael Certeau diz que “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar” (CERTEAU, 2014, p. 170).

A cidade com seus caminhos múltiplos e desordenados oferece uma espécie de estados de corpo errante. A privação do lugar citada se relaciona a uma espacialidade que é construída, reinventada e que se dá no e em movimento. Ter falta de lugar é uma experiência do praticante ordinário – aqui sendo entendido como quem participa da festa – é aquele que passa pelo tecido urbano atravessado de suas experiências, fazendo com que o espaço seja outro. Neste sentido, compreendo que “[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2014, p.165), ele cria e instaura toda essa dinâmica caminhante ao evidenciar suas trajetórias heterogêneas nas fronteiras borradas da rua.

Seguindo ...

A via de reflexão proposta por Deleuze e Guattari (1997b), que trago agora, fala de dois tipos de espaço: estriado e liso. Este último, que nos interessa, é descrito como favorecedor do devir e nomadismo, espaço para experimentação. Tal como o estímulo aos atravessamentos, desvios, caminhos proibidos, traçando atalhos e elegendo a errância como ação no espaço. Já o estriado é apresentado como controle dado pelos processos econômicos e culturais dominantes, espaço de possível negação de discursos e práticas sensíveis.

Entretanto, os autores não colocam essas acepções como contrárias e impossibilitadas de contaminar uma a outra. Para Deleuze e Guattari (1997b, p. 180) “[...] o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”. No Encontro dos Bois a movência desses modelos indica as alternativas investidas em relação aos corpos, que continuamente são levados a uma regulamentação da festa, por exemplo, de horário para seu início e término. No entanto, estratégias são praticadas e acabam subvertendo ações de disciplinamento dos corpos, tornando a rua espaço e momento de criação.

A caminhada continua. Agora, em direção a outras instâncias que a festa aciona. Um deles diz respeito ao modo como as existências vão sendo criadas quando se caminha, entendendo aqui o estar parado como qualidade

inventiva, ou melhor, como possibilidade para novos arranjos de sentidos e disputas para existir nas dissidências.

O geógrafo Milton Santos, com seus homens lentos, traz uma reflexão indispensável ao pensar nas condições e estratégias assumidas para sobreviver nos espaços de riscos. As táticas, segundo o autor, estão na ordem da criação, de corpos desviantes que por “estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações” (SANTOS, 2008, p. 80). Nas brechas e dobras há novas formas de existir juntos.

MODOS DE EXISTIR: habitar a partir da caminhada festiva

“Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar”

Siba

O corpo é uma paisagem nômade. Essa imagem sugere os vários deslocamentos que o corpo busca para existir, ou melhor, em tempos de incertezas, que mecanismos são acionados para o corpo (re)existir indo na direção contrária da burocratização da existência?

A vida urbana é experimentada em diversos fluxos, algumas situações que pedem o descanso ou a suspensão do cronometro são vistas como modos improdutivos pelo controle biopolítico dos corpos, que se estende por todos os domínios da vida, públicos e privados. O ato sem pressa é percebido como comportamento que não privilegia o ritmo de produção, a correria dos dias, da movimentação desordenada e sedenta pela rapidez na cidade. Um cardume de gente que a cada dia segue o fluxo e aglomeração característicos das cidades contemporâneas.

Aqui será discutido dois estados de presença importantes dentro da caminhada: a lentidão e a pausa. Ambas por vezes são entendidas como

qualidades menores, por conter em sua dimensão um tempo diferenciado, mais elástico e flexível.

A respeito das duas qualidades, na festa de São Marçal, a lentidão e pausa são evocadas por mostrar dinâmicas muito específicas para atravessar a avenida. Condições como calor, fome, cansaço e embriagues são referências que podem desfavorecer, em certo momento, a caminhada. Entretanto, operam uma inventividade que desvia do disciplinamento dos corpos, desejos e subjetividades. Neste contexto, a disfuncionalidade da caminhada assume o estado de reinvenção.

Por esse motivo, a lentidão e pausa aparecem como táticas que potencializam o corpo, tornando-o mais atento e disponível para estado de festa, engendrando novos arranjos moventes no corpo a partir das brechas e dobras da festa.

Corpo como festa.

Ser e estar na festa.

Estado de festa

Sobre o espaço físico destinado para a caminhada, o corredor do cortejo mede de 300 a 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de 3 ou 4 horas, devido à grande quantidade de pessoas que acompanha a festa. A lentidão no percurso não minimiza a potência dos corpos festivos que desenham em suas caminhadas linhas de intensidade, como se rasgassem a avenida anunciando micropolíticas do encontro.

Imagem 2 – Zonas: acolhimento e ativação. Junho de 2014.



Fonte: Danielle Fonsêca.

A Avenida São Marçal possui duas vias que são utilizadas na festa. Cada via existe de modo diferenciado, quer dizer, aciona camadas que instauram particularidades que operam a partir da coexistência. Ambas as vias dialogam e compõem uma plataforma de experimentação que é múltipla e movente, tecendo uma paisagem festiva que abriga mundos inventivos e habitáveis das mais diversas feitura.

As duas passagens festivas estão dispostas da seguinte forma: no primeiro plano, temos a zona do acolhimento, chamada assim por se configurar como espaço que sustenta a festa. Nela as regras disciplinares de uso do espaço são mais comuns e praticadas, onde o território é mais organizado ao delimitar sua função, enquanto alicerce que mantem a festa como um todo. A via funciona como local de estruturação da sociabilidade festiva, pois viabiliza a locomoção mais fácil na via, pouco fluxo de pessoas, atuando também como ponto de encontro de amigos.

Ao longo da zona do acolhimento é ofertado uma variedade de produtos com disposição de barracas de comidas, bebidas e demais vendas. Os ambulantes também fazem parte da paisagem dessa via, com suas

caminhadas em busca de vendas, muitas delas relacionadas com a própria ambiência da festa, como chapéus e óculos escuros.

Imagem 3 – Caminhadas ambulantes. Junho de 2018.



Fonte: Danielle Fonsêca.

Adjacente a via de acolhimento, a zona de ativação é onde a festa-caminhante acontece de fato. É compreendida como espaço sem regulamentações e com características próprias de fluxo temporal e espacial. Lugar onde o cortejo realizado pelos grupos de Boi de Matraca ocorre, além de concentrar a maior quantidade de pessoas nos mais de 400 metros de caminhada.

As zonas de acolhimento e de ativação são descritas isoladamente para fins de entendimento de como funciona a festa, mas no seu bojo são situações que coexistem gerando a potência festiva de São Marçal. Continuamente, uma invade e atravessa a outra inversamente, gerando repertórios simbólicos espalhados por toda extensão da avenida. Ambas as zonas compõem um território elástico, que se expande e se retrai, criando outras ruas possíveis e infinidades de usos do corpo. No qual, indivíduos anônimos e ordinários espacializam suas práticas pelas vias da festa.

As zonas possuem, cada uma, ruas de acesso, como ruas paralelas, atalhos e encruzilhadas ao longo da avenida. A paisagem festiva dada e construída no espaço público é a cada edição reinventada. Cabe mencionar que o espaço público é, antes de tudo, um espaço físico, delimitado, construído e pensado; mas que, por outro lado, é relacional, em fluxo, ou seja, é um espaço de múltiplos interesses que faz surgir inúmeras narrativas e práticas de ordem política, social, econômica e artística.

Ao pesquisar sobre os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, Miguel de Santa Brígida observa que:

As narrativas que caminham, se deslocam, passam aos nossos olhos, trabalhando simbolicamente o tempo e o espaço, constroem espetacularidade singulares [...]. Não podemos esquecer que as narrativas de rua traduzem em suas práticas e poéticas não só uma questão estética, mas também uma ética, uma moral e uma política, enfim, uma maneira de viver em sociedade (2008, p. 41).

Desse modo, o cortejo revela uma maneira diferenciada de festejar em São Marçal. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do João Paulo, apresenta muitas curvas e passagens inventivas, poéticas e espetaculares, mobilizando outras instâncias simbólicas. A condição movente garante aos praticantes o compartilhamento de vivências e a atualização e efetivação de outras. A caminhada surge como campo de entendimento de produção de presença, afetos e modos de existências variadas.

Nesta caminhada de pesquisar a festa de São Marçal e seus desdobramentos sensíveis foi percorrido um longo, complexo e potente trajeto em direção à compreensão dos saberes, modos e sentidos que são continuamente investidos na ambientação festiva, sobretudo no que tange aos modos de existir que são reinventados a partir da caminhada.

A festa como prática do encontro, também pode ser lida como uma poética do enfrentamento. Ao conhecer o histórico da festa marcado por

negociações e proibições, os grupos de Bumba meu boi envolvidos assumiam o confronto como necessidade de (re)existir.

Neste contexto, a festa vai além do ato de festejar, sendo praticada como estratégia, onde corpos desviantes atravessavam o território como forma de resistência. Enfrentar e resistir como ações que nutrem e perpassam a paisagem de São Marçal, ativando os processos existências a partir da caminhada e, pensando também, como a festa aciona, em suas particularidades, modos de caminhar diferenciados, sendo que o inverso também acontece, onde a estrutura festiva de São Marçal é ativada a partir dessas movências festivas.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma. **O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BARROS, Antônio Evaldo Almeida. **O pantheon encantado: culturas e heranças étnicas na formação de identidade maranhense**. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, 2007.

BRÍGIDA, Miguel Santa. **O auto do Círio: festa, fé e espetacularidade**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 5, n1, Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/download/12596/9777>. Acesso em 5 de novembro de 2018.

CABRAL, Rafael. **Artista-etnopesquisador e suas contribuições teoricometodológicas para o corpo em campo**. Revista Repertório, Salvador, n 26, p. 110-116. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/17459/11399>. Acesso em 23 de out de 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2014..

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. **Tem mascarado na festa de São Marçal: o brincante de Pai Francisco no Bumba meu boi em São Luís-MA.** Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** EDUFBA: Salvador, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2008.